

Índice

Nomes e diminutivos das principais personagens	9
Do Autor	11

Primeira Parte

LIVRO PRIMEIRO HISTÓRIA DE UMA FAMÍLIA

I Fiódor Pávlovitch Karamázov	15
II Desembarçou-se do primeiro filho	18
III Segundo casamento e novos filhos	20
IV Aliocha, o terceiro filho	26
V Os anciãos	33

LIVRO SEGUNDO REUNIÃO INOPORTUNA

I Chegada ao mosteiro	41
II O velho bobo	45
III Mulheres crentes	53
IV Uma dama de pouca fé	59
V Assim seja, assim seja!	66
VI Para que vive um homem como este?	73
VII Um seminarista carreirista	82
VIII Um escândalo	90

LIVRO TERCEIRO OS LASCIVOS

I Na casa dos criados	99
II Lizaveta Smerdiáchaia	104

III Confissão de um coração ardente. Em versos	107
IV Confissão de um coração ardente. Em anedotas	115
V Confissão de um coração ardente. «De pernas para o ar»	122
VI Smerdiakov	129
VII A controvérsia	134
VIII À volta do conhaque	138
IX Os lascivos	145
X As duas juntas	150
XI Mais uma reputação perdida	159

Segunda Parte

LIVRO QUARTO LACERAÇÕES

I O padre Ferapont	169
II Em casa do pai	178
III Encontro com escolares	182
IV Em casa da senhora Khokhlakova	186
V Laceração na sala de visitas	191
VI Laceração na isbá	201
VII E ao ar puro	208

LIVRO QUINTO PRÓ E CONTRA

I O noivado	219
II Smerdiakov com uma guitarra	228
III Os irmãos conhecem-se	234
IV A revolta	242
V O Grande Inquisidor	252
VI Por enquanto ainda muito obscura	270
VII «Com um homem inteligente até é interessante falar»	279

LIVRO SEXTO O MONGE RUSSO

I O padre Zóssima e os seus visitantes	287
II Da vida do monge eremita ancião Zóssima, falecido na graça de Deus. Composto segundo as suas próprias palavras, por Aleksei Fiódorovitch Karamázov	291
III Das conversas e sermões do ancião Zóssima	316

Terceira Parte

LIVRO SÉTIMO
ALIOCHA

I Cheiros pútridos	331
II Um momento assim	342
III Uma cebola	347
IV Caná da Galileia	362

LIVRO OITAVO
MÍTIA

I Kuzmá Samsónov	367
II Liagávi	376
III Minas de ouro	382
IV Na escuridão	392
V Uma decisão súbita	397
VI Eu também vou!	411
VII O indiscutível primeiro	417
VIII Delírio	432

LIVRO NONO
INVESTIGAÇÃO PRELIMINAR

I O início da carreira do funcionário Perkhótin	445
II Alarme	451
III Os tormentos de uma alma. Primeiro tormento	456
IV Segundo tormento	464
V Terceiro tormento	471
VI O procurador apanhou Mítia	481
VII O grande segredo de Mítia. Apuparam-no.	487
VIII Os depoimentos das testemunhas. O criançaço	497
IX Levaram Mítia	506

Quarta Parte

LIVRO DÉCIMO
OS RAPAZES

I Kólia Krassótkin	513
II A criançaço	517

III O aluno da escola	522
IV <i>Jutchka</i>	529
V À cabeceira de Iliúcha	535
VI Desenvolvimento precoce	549
VII Iliúcha	555

LIVRO DÉCIMO PRIMEIRO
O IRMÃO IVAN FIÓDOROVITCH

I Em casa de Grúchenka	559
II O pezinho doente	567
III Um diabrete	575
IV Um hino e um segredo	581
V Não foste tu, não foste tu!	593
VI Primeiro encontro com Smerdiakov	598
VII A segunda visita a Smerdiakov	607
VIII Terceiro e último encontro com Smerdiakov	615
IX O Diabo. O pesadelo de Ivan Fiódorovitch	628
X «Foi ele quem me disse»	644

LIVRO DÉCIMO SEGUNDO
UM ERRO JUDICIAL

I O dia fatal	649
II Testemunhas perigosas	655
III A peritagem médica e uma libra de avelãs	663
IV A felicidade sorri a Mítia	668
V Catástrofe súbita	676
VI O discurso do procurador. Caracterização	684
VII Resenha histórica	692
VIII Dissertação sobre Smerdiakov	697
IX Psicologia a todo o vapor. A troika à desfilada. Final do discurso do procurador.	705
X O discurso do advogado. Um pau de dois bicos	715
XI Não havia dinheiro. Não houve roubo	718
XII E também não houve assassínio	724
XIII Um corruptor do pensamento	730
XIV Os mujiques foram firmes	737

Os Irmãos Karamázov 789

Epílogo

I Projectos para salvar Mítia	745
II Por um momento, a mentira tornou-se verdade	749
III O funeral de Iliúchetchka. Discurso junto à pedra	755
Notas	765
Posfácio — Dostoievski e o Parricídio	769

Nomes e diminutivos das principais personagens do romance *Os Irmãos Karamázov*

Fiódor Pávlovitch Karamázov.

Dmitri Fiódorovitch Karamázov (**Mítia**, Mítenka, Mitri, Mitka).

Ivan Fiódorovitch Karamázov (Vânia, Vánetchka).

Aleksei Fiódorovitch Karamázov (**Aliocha**, Alióchetchka, Liocha, Lióchenka, Lióchetchka).

Adelaída Ivánovna Miússova, primeira esposa de Fiódor Karamázov, mãe de Dmitri Karamázov.

Sofia Ivánovna, segunda esposa de Fiódor Karamázov, mãe de Aliocha e de Ivan.

Efim Petróvitch Polenov.

Piotr Aleksándrovitch Miússov, parente da primeira esposa de Fiódor Karamázov.

Piotr Fómitch **Kalgánov** (Petrouchka).

Herzenstube, médico de origem alemã.

Lizaveta (*Lise*, **Liza**).

Katerina Ivánovna Verkhóvtseva (Kátia, Katenka, Katka).

Iossif, padre-monge.

Paissi, padre-monge.

Semion Ivánovitch Katchálnikov, juiz de paz.

Agráfena Aleksándrovna Svetlova (**Grúchenka**, Grucha, Gruchka).

Grigóri Vassilievitch Kutúzov, criado de Fiódor Karamázov.

Marfa Ignátievna, mulher de Grigóri.

Lizaveta Smerdiáchaia, mãe de Smerdiakov. Apelido formado a partir do verbo *smerdet*, cheirar mal, feder. Por isso lhe chamam Fedorenta.

Agáfia Ivánovna, irmã de Katerina Ivánovna.

Katerina Óssipovna **Khokhlakova**.

Varvara Nikoláevna, uma das filhas do capitão Sneguiriov.

Pável Fiódorovitch **Smerdiakov**, criado e possível filho bastardo de Fiódor Karamázov.

Afanássi Pávlovitch, ordenança de Zóssima no exército.

Mikhail Óssipovitch **Rakítin** (Micha, Rakitka, Rakituchka).

Kuzmá Kuzmitch **Samsónov**, protector de Grúchenka.

Trífon Boríssovitch, ou Borísitch, o estalajadeiro.

Mikhail Makáritch, comissário da polícia.

Nikolai Krassótkin (**Kólia**).

Ippolit Kirílovitch, o procurador.

Varvínski, médico distrital.

Nikolai Parfiónovitch Neliúdob, juiz.

Mavriki Mavríkievitch Chmertsov.

Anna Fiódorovna Krassótkina, mãe de Kólia.

Piotr Iliitch Perkhótin.

Do Autor

Ao iniciar a biografia do meu herói, Aleksei Fiódorovitch Karamázov, sinto uma certa perplexidade. Precisamente: embora chame meu herói a Aleksei Fiódorovitch, sei no entanto muito bem que ele não é de modo nenhum um grande homem, e por isso antevejo inevitáveis perguntas deste género: em que é que o seu Aleksei Fiódorovitch é notável para que o escolha como seu herói? O que fez ele de tão importante? Quem o conhece e porquê? Por que motivo eu, leitor, devo gastar tempo no estudo da sua vida?

Esta última pergunta é a mais funesta, pois apenas posso responder: «Talvez o vejam por si mesmos no romance.» Bem, mas se lerem o romance e não descobrirem, não concordarem com a notoriedade do meu Aleksei Fiódorovitch? Digo isto porque assim o prevejo com mágoa. Para mim ele é notável, mas duvido absolutamente da minha capacidade para provar isso ao leitor. O facto é que ele é por certo uma pessoa activa, mas activa de uma maneira indeterminada, indefinida. Aliás seria estranho, num tempo como o nosso, exigir clareza às pessoas. Uma coisa porém é bem certa: trata-se de um homem singular, e até excêntrico. Mas a singularidade e a excentricidade mais depressa prejudicam do que dão direito à atenção, em especial quando toda a gente aspira a unir as partes e encontrar ao menos algum sentido comum na geral falta de sentido. Porque o excêntrico é, na maioria dos casos, o particular e o isolado. Não é verdade?

Pois se o leitor não concorda com esta última tese e responde: «não é assim», ou «não é sempre assim», talvez eu recupere ânimo quanto à importância do meu herói Aleksei Fiódorovitch. Pois não só o extravagante «nem sempre» é o particular e o isolado, como, pelo contrário, acontece que ele pode por vezes trazer em si o cerne do todo, e os restantes homens do seu tempo são todos uns sedimentos que por qualquer razão foram durante algum tempo arrancados desse todo pelo vento.

Talvez eu não devesse pôr-me a fazer estes avisos profundamente banais e confusos, e começar simplesmente sem qualquer prefácio: se a obra agradar, lêem-na assim; mas o mal está em que eu tenho só uma biografia, e os

romances são dois. O romance principal é o segundo — é a actividade do meu herói já no nosso tempo, precisamente neste nosso tempo actual. Quanto ao primeiro romance, aconteceu há treze anos e até quase nem é um romance, mas apenas um momento da primeira juventude do meu herói. Não me é possível prescindir deste primeiro romance, porque grande parte do segundo se tornaria incompreensível. Mas deste modo ainda se complica mais a minha dificuldade inicial: pois se eu, ou seja, o próprio biógrafo, acho que um romance seria de mais para um herói tão modesto e indeterminado, como será com dois, e como explicar semelhante impertinência da minha parte?

Embaraçado na solução destas questões, decido contorná-las sem apresentar qualquer solução. Naturalmente, o leitor perspicaz já adivinhou há muito que era para isso que eu me inclinava desde o princípio, e não fez mais do que aborrecer-se comigo porque gasto em vão palavras estéreis e um tempo precioso. A isso respondo já com precisão: gastei palavras estéreis e um tempo precioso em primeiro lugar por cortesia, e em segundo lugar por astúcia: em todo o caso, digamos, sempre preveni de alguma coisa. De resto, já fico contente pelo facto de o meu romance se ter quebrado por si mesmo em duas narrativas, «mantendo um todo substancial único»: ao conhecer a primeira narrativa, o próprio leitor avaliará: valerá a pena iniciar a segunda? É claro que ninguém está obrigado a nada, pode abandonar-se o livro logo às duas primeiras páginas da primeira narrativa, para nunca mais o abrir. Mas há leitores tão delicados que por força quererão lê-lo até ao fim, para não se enganarem no julgamento desapassionado, como, por exemplo, todos os críticos russos. De modo que diante desses o meu coração fica em todo o caso mais leve: apesar de todo o seu esmero e escrupulosidade, sempre lhes dou algum pretexto legítimo para abandonarem a narrativa no primeiro episódio do romance. E aqui está todo o preâmbulo. Estou inteiramente de acordo em que ele é supérfluo, mas uma vez que já está escrito, deixemo-lo ficar.

E agora, vamos ao assunto.

Primeira Parte

LIVRO PRIMEIRO

HISTÓRIA DE UMA FAMÍLIA

I

Fiódor Pávlovitch Karamázov

Aleksei Fiódorovitch Karamázov era o terceiro filho de Fiódor Pávlovitch Karamázov, proprietário rural do nosso distrito muito conhecido no seu tempo (e ainda hoje se lembram dele entre nós), devido ao seu fim trágico e obscuro, ocorrido há precisamente treze anos, e de que a seu tempo falarei. Por agora direi apenas acerca desse «proprietário» (como entre nós lhe chamavam, embora durante toda a sua vida quase não tenha vivido na sua propriedade) que era um tipo estranho, tipo que no entanto se encontra com bastante frequência, concretamente o tipo de homem não apenas mau e depravado, mas ao mesmo tempo inepto — um daqueles ineptos que sabem muito bem tratar dos negócios da sua propriedade e, ao que parece, apenas desses. Fiódor Pávlovitch, por exemplo, começou quase do nada, era um dos mais pequenos proprietários; corria a comer nas mesas alheias, era um papa-jantares, e contudo, no momento da sua morte, verificou-se que possuía uns cem mil rublos em dinheiro contado. E ao mesmo tempo, continuou toda a sua vida a ser um dos extravagantes mais ineptos de todo o nosso distrito. Volto a repetir: não se trata aqui de estupidez — esses extravagantes são, na sua maioria, bastante inteligentes e astutos — mas apenas de inépcia, e de uma inépcia especial, nacional.

Foi casado por duas vezes e tinha três filhos — o mais velho, Dmitri Fiódorovitch, da primeira mulher, e os outros dois, Ivan e Aleksei, da segunda. A primeira mulher de Fiódor Pávlovitch era da família nobre bastante rica e distinta dos Miússov, também latifundiários no nosso distrito. Não me esforçarei por explicar como foi possível que uma rapariga com um rico dote, além disso bonita e ainda por cima uma dessas inteligências vivas tão fre-

quentes entre nós na actual geração, mas que apareciam já na geração anterior, se tivesse casado com um insignificante «enfezado», como todos então lhe chamavam. Pois eu conheci uma jovem, ainda da anterior geração «romântica», que depois de alguns anos de enigmático amor por um cavalheiro, com o qual de resto se poderia ter casado sem qualquer dificuldade, acabou no entanto por inventar ela própria obstáculos intransponíveis e numa noite de tempestade atirou-se de uma arriba altíssima, quase um penhasco, para um rio bastante profundo e rápido e nele morreu resolutamente pelos seus próprios caprichos, apenas para se parecer com a Ofélia de Shakespeare. É até possível que, se essa arriba, lugar há tanto tempo por ela escolhido como seu predilecto, não fosse tão pitoresca, e no seu lugar houvesse apenas uma margem baixa e prosaica, o suicídio nem tivesse acontecido. Este é um facto verdadeiro, e é de crer que na nossa vida russa tenham acontecido nas últimas duas ou três gerações bastantes casos como este ou parecidos. De modo idêntico, o acto de Adelaída Ivánovna Miússova foi, sem dúvida, um eco de ideias alheias e também da irritação de um pensamento cativo. Ela quis talvez proclamar a independência feminina, ir contra as convenções sociais, contra o despotismo da família e dos parentes, e uma obsequiosa fantasia convenceu-a, apenas por um instante, admitamos, de que Fiódor Pávlovitch, apesar da sua condição de parasita, era um dos homens mais corajosos e zombeteiros daquela época de transição para melhor, quando na verdade ele era apenas um palhaço mau e nada mais. O aspecto picante consistia ainda no facto de o caso ter envolvido o rapto, e isso fascinou enormemente Adelaída Ivánovna. Quanto a Fiódor Pávlovitch, estava muito bem preparado para todas essas aventuras, até pela sua situação social, pois desejava ardentemente fazer carreira fosse como fosse; encostar-se a uma boa família e receber um dote era muito tentador. Quanto ao amor recíproco, parece que nunca existiu — nem do lado da noiva, nem do lado dele, apesar da beleza de Adelaída Ivánovna. De modo que este caso foi talvez o único do seu género na vida de Fiódor Pávlovitch, que toda a sua vida foi um homem extremamente lascivo, sempre pronto a colar-se a qualquer saia desde que esta lhe acenasse. E entretanto, só esta mulher não provocou nele qualquer atracção especial pelo lado da paixão.

Logo depois do rapto, Adelaída Ivánovna percebeu num instante que pelo seu marido só sentia desprezo e nada mais. Deste modo, as consequências do casamento tornaram-se evidentes com extraordinária rapidez. Embora a família se tivesse conformado bastante depressa com o acontecimento, entregando o dote à fugitiva, começou entre os esposos uma vida desordenada, com cenas constantes. Contava-se que a jovem esposa revelou em tudo isso incomparavelmente mais generosidade e dignidade do que Fiódor Pávlovitch, o qual, como agora se sabe, lhe surripou de uma vez todo o dinheiro, vinte e cinco mil rublos, assim que ela os recebeu, de modo que esses milha-

res como que se sumiram definitivamente. Quanto à pequena aldeia e à bela casa da cidade que faziam parte do dote, durante muito tempo ele procurou com todas as forças transferi-las para o seu próprio nome por meio de um qualquer acto legal, e por certo teria conseguido esse objectivo, graças apenas, por assim dizer, ao desprezo e repulsa que causava à esposa a todo o momento com as suas súplicas e chantagens, só por cansaço moral dela, para que ele a largasse. Felizmente, a família de Adelaída Ivánovna interveio e restringiu a rapacidade do marido. É um facto conhecido que eram frequentes as brigas entre os dois esposos, mas, segundo as vozes, não era Fiódor Pávlovitch que batia na mulher, mas Adelaída Ivánovna que lhe batia, sendo como era uma mulher fogosa, ousada, trigueira, irascível e dotada de uma notável força física. Por fim, abandonou a casa e fugiu do marido com um pobre seminarista, deixando Fiódor Pávlovitch com o pequeno Mítia de três anos nos braços. Fiódor Pávlovitch introduziu imediatamente em casa um autêntico harém e lançou-se nas mais desatinadas bebedeiras; nos intervalos, percorria quase toda a província, queixando-se lacrimosamente a todos e a cada um do abandono de Adelaída Ivánovna, falando de pormenores da vida conjugal que um marido devia ter vergonha de contar. O que mais parecia agradar-lhe e até lisonjeá-lo era representar diante de toda a gente o ridículo papel de marido ofendido e descrever até ao exagero pormenores da sua ofensa. «Até parece que o senhor obteve uma promoção, Fiódor Pávlovitch, de tão contente que está apesar de toda a sua amargura» — diziam-lhe os trocistas. Muitos até acrescentavam que ele estava contente por aparecer com um renovado papel de palhaço e que, para aumentar o riso, fingia não perceber a sua situação ridícula. De resto, quem sabe, talvez isso fosse nele apenas ingenuidade. Por fim conseguiu descobrir o rasto da fugitiva. A pobre estava em Petersburgo, para onde tinha ido com o seu seminarista e onde se entregava sem reservas à mais completa emancipação. Fiódor Pávlovitch atarefou-se imediatamente e preparou-se para ir a Petersburgo, sem que ele próprio naturalmente soubesse para quê. Na verdade, talvez tivesse mesmo ido nessa altura; mas, ao tomar tal decisão, achou-se de imediato no especial direito, para se animar, de se entregar outra vez à mais ilimitada bebedeira. E eis que entretanto a família da esposa recebeu a notícia de que ela morreria em Petersburgo. Morreu como que de repente, algures numa água-furtada, de tifo segundo uma versão, e de fome, segundo outra. Quando soube da morte da esposa, Fiódor Pávlovitch estava bêbedo; diz-se que correu pela rua e começou a gritar, erguendo os braços ao céu de alegria: «Agora, Senhor, libertaste o teu servo», mas segundo outros, soluçava como uma criança pequena, de tal modo que, segundo dizem, até metia dó olhar para ele, apesar de toda a repulsa que inspirava. É muito possível que houvesse uma e outra coisa, ou seja, que se alegrasse pela sua libertação, e chorasse pela libertadora — tudo ao mesmo tempo. Na maior parte dos casos as pessoas, mesmo as

malvadas, são muito mais ingênuas e simples do que de um modo geral imaginamos. E nós próprios também.

II

Desembaraçou-se do primeiro filho

É possível sem dúvida imaginar que educador e que pai podia ser um homem assim. Como pai, aconteceu precisamente aquilo que tinha de acontecer, ou seja, abandonou completamente o filho nascido do casamento com Adelaída Ivánovna, não por maldade, nem por quaisquer sentimentos de agravo conjugal, mas apenas porque se esqueceu dele por completo. Enquanto importunava toda a gente com as suas lágrimas e queixas, e transformava a sua casa num antro de depravação, o pequeno Mítia de três anos ficava entregue aos cuidados de um fiel criado da casa, Grigóri, e se este não se tivesse preocupado com ele, não teria havido talvez ninguém que mudasse uma camisinha à criança. Além disso, aconteceu que os parentes do menino por parte da mãe também pareciam ter-se esquecido dele nos primeiros tempos. O avô, ou seja o próprio senhor Miússov, pai de Adelaída Ivánovna, já então não estava entre os vivos; a esposa viúva, avó de Mítia, que se mudara para Moscovo, ficou gravemente doente, e as irmãs de Adelaída Ivánovna casaram-se; de modo que durante quase um ano Mítia teve de ficar com o criado Grigóri e viver com ele na casa dos criados. De resto, mesmo que o paizinho se lembrasse dele (na verdade não podia ignorar a sua existência), ele próprio o mandaria de novo para a casa dos criados, porque em qualquer caso a criança era um empecilho aos seus deboches. Aconteceu porém que regressou de Paris um primo de Adelaída Ivánovna, Piotr Aleksándrovitch Miússov, que mais tarde viveria durante muitos anos seguidos no estrangeiro e que então era ainda um homem muito novo mas já especial entre os Miússov, culto, habituado a viver nas capitais e no estrangeiro e que, para o final da vida, se tornou um liberal dos anos quarenta e cinquenta. Ao longo da sua carreira, manteve ligações com muitos dos homens mais liberais do tempo, na Rússia e no estrangeiro; conhecera pessoalmente Proudhon e Bakúnin, e gostava especialmente de recordar e contar, já para o fim das suas peregrinações, os três dias da revolução de Paris em Fevereiro de quarenta e oito, insinuando que ele próprio tinha participado nas barricadas. Essa era uma das mais agradáveis recordações da sua juventude. Tinha uma propriedade independente de quase mil almas¹, segundo a antiga contagem. A sua magnífica propriedade situava-se logo à saída da nossa cidade e confinava com as terras do nosso famoso mosteiro, com o qual Piotr Aleksándrovitch, desde muito jovem, assim que recebeu a herança, iniciou de imediato um intermi-

nável processo judicial sobre uns quaisquer direitos de pesca no rio ou de corte na floresta, não sei com exactidão, mas considerou mesmo seu dever de cidadão e de homem esclarecido iniciar o processo contra os «clericais». Ao ouvir falar do caso de Adelaída Ivánovna, de quem naturalmente se lembrava e em quem reparara mesmo em tempos, e ao saber da existência de Mítia, interessou-se pelo caso, apesar da sua indignação e do seu desprezo por Fiódor Pávlovitch. Foi então que conheceu Fiódor Pávlovitch e o viu pela primeira vez. Explicou-lhe abertamente que desejava encarregar-se da educação da criança. Muito tempo depois contava ainda, como um traço característico, que, quando começou a falar de Mítia com Fiódor Pávlovitch, este ficou por algum tempo com o ar de quem não compreendia de que criança se tratava, e até pareceu surpreendido por ter algures em sua casa um filho pequeno. Ainda que o relato de Piotr Aleksándrovitch possa ter algum exagero, em todo o caso devia ter qualquer coisa parecida com a verdade. Mas, de facto, Fiódor Pávlovitch toda a sua vida gostou de representar, de interpretar de repente à nossa frente um papel qualquer, por vezes sem necessidade, e até em seu próprio prejuízo, como no presente caso. Esse traço é de resto característico de um grande número de pessoas, até de pessoas muito inteligentes, e não apenas de Fiódor Pávlovitch. Piotr Aleksándrovitch conduziu o assunto com ardor e foi até designado (conjuntamente com Fiódor Pávlovitch) tutor da criança, porque, por morte da mãe, fora-lhe atribuída uma pequena propriedade, uma casa e um terreno. Mítia passou de facto a viver com esse parente, mas como este não tinha família própria e como, depois de garantir o recebimento dos dinheiros das suas propriedades, se apressou a voltar para Paris, confiou a criança a uma das suas tias, uma senhora de Moscovo. Aconteceu que, depois de se instalar em Paris, também ele se esqueceu da criança, em especial quando estalou aquela revolução de Fevereiro que tanto impressionou a sua imaginação e que nunca mais conseguiu esquecer em toda a sua vida. Mas a senhora de Moscovo morreu, e Mítia foi recolhido por uma das suas filhas casadas. Ao que parece, depois disso ainda mudou de ninho uma quarta vez. Não me vou agora alongar sobre isso, tanto mais que ainda falta muito por contar sobre este primogénito de Fiódor Pávlovitch, e por enquanto limito-me aos dados mais indispensáveis sobre ele, sem os quais nem poderia iniciar o romance.

Em primeiro lugar, este Dmitri Fiódorovitch foi o único dos três filhos de Fiódor Pávlovitch que cresceu na convicção de que possuía alguns bens e de que seria independente quando atingisse a maioridade. A sua adolescência e juventude decorreram de maneira desordenada: não concluiu o liceu, entrou para uma escola militar, depois foi para o Cáucaso, cumpriu o serviço militar e foi promovido, bateu-se em duelo, foi despromovido, voltou a ser promovido, meteu-se na pândega e gastou muito dinheiro. Não recebeu nada de Fiódor Pávlovitch antes da maioridade e entretanto foi contraindo dívidas.